

Liturgia protestante dos séculos XVI e XVII e seus reflexos no protestantismo brasileiro

Carlos Eduardo Brandão Calvani¹

RESUMO

O protestantismo de missão no Brasil sempre manifestou forte aversão a livros litúrgicos. Essa atitude é consequência direta das mudanças litúrgicas promovidas por reformadores do século XVI e da Assembleia de Westminster (século XVII). Enquanto Lutero e Calvino defenderam o equilíbrio formal entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia da Mesa (eucaristia), Zwinglio e Farel privilegiaram a primeira, criando nas congregações que os seguiram profundo desprezo pelos sacramentos, o que contribuiu para o forte individualismo protestante. Essa tendência culminou no “Diretório de Culto” aprovado pelos teólogos puritanos da Assembleia de Westminster, que transformaram a ordem de culto em um “manual de instruções”, o que significava, na prática, uma proposta de culto sem liturgia. O Diretório de Westminster encontrou receptividade no protestantismo norte-americano, do qual deriva o protestantismo brasileiro através das iniciativas missionárias do século XIX. Tais aspectos da reforma nos ajudam a compreender a pobreza litúrgica do protestantismo que se consolidou no Brasil.

Palavras-chave: Liturgia Protestante; Lutero; Calvino; Zwinglio; Diretório de Westminster

Protestant Liturgy of the sixteenth and seventeenth centuries and its reflections in Brazilian Protestantism

ABSTRACT

Mission Protestantism in Brazil has always manifested strong aversion to liturgical books. This attitude is a direct consequence of liturgical changes promoted by reformers of the sixteenth century and of the Assembly of

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Westminster (seventeenth century). While Luther and Calvin defended the formal balance between the Liturgy of the Word and the Liturgy of the Table (Eucharist), Zwingli and Farel privileged the first, creating in the congregations that followed them deep contempt for the sacraments, which contributed to the strong Protestant individualism. This trend culminated in the “Directory of Worship” approved by Puritan theologians of the Westminster Assembly, who transformed the order of worship into an “instruction manual,” (handbook) which meant in practice a liturgical proposal without liturgy. The Westminster Directory found receptivity in American Protestantism, from which Brazilian Protestantism derived through the missionary initiatives of the nineteenth century. These aspects of the reform help us to understand the liturgical poverty of Protestantism that has consolidated in Brazil.

Key words: Protestant Liturgy; Luther; Calvin; Zwingli; Westminster Directory.

Introdução

Embora nos últimos anos, Igrejas tradicionais do protestantismo brasileiro tenham investido na edição e publicação de livros e manuais litúrgicos, o protestantismo de missão no Brasil sempre manifestou forte aversão a esse tipo de material, seja para leitura particular, seja para o uso efetivo nos momentos de culto. Essa atitude é consequência direta das mudanças litúrgicas promovidas por reformadores do século XVI e da Assembleia de Westminster (século XVIII).

Diferentemente da cristandade oriental cuja liturgia, desde seus primórdios quase não sofreu alterações significativas, a liturgia ocidental se alterou profundamente a partir do século XVI. Essa constatação é compreensível tendo em vista que os movimentos reformadores atingiram basicamente a Europa Ocidental. As Igrejas ortodoxas orientais nunca enfrentaram movimentos reformadores abruptos e radicais, como aconteceu no Ocidente. As eventuais alterações na liturgia, doutrina e espiritualidade das Igrejas Ortodoxas são lentas e sem estardalhaço e estão fora de nossas possibilidades de avaliação no presente texto.

A Reforma Protestante não foi uma conspiração com um centro organizado. Foi muito mais uma reação em cadeia, tal como um “efeito-dominó” e que atingiu particularmente regiões nas quais as lideranças locais (nobres e príncipes) buscavam se autodeterminar politicamente.

Inicialmente na Suíça e Alemanha começaram a surgir protestos e iniciativas locais atreladas a fatores culturais e econômicos da época (o renascimento cultural, as navegações, as novas trocas comerciais e as novas descobertas científicas). O ano de 1517 entrou para a história por marcar um momento em que várias práticas da Igreja do Ocidente foram contestadas por Lutero. Contudo, Lutero só escreverá sua proposta de Missa Alemã em 1525. Antes, porém, os sinais de uma reforma litúrgica já haviam começado na Suíça e em Genebra por iniciativa de Zwinglio e Farel. Isso era possível porque antes do Concílio de Trento o Missal romano não era uniforme. Cada diocese tinha um missal adaptado às suas necessidades, embora seguissem um mesmo padrão.

As diferentes liturgias surgidas na primeira geração de reformadores podem ser reunidas em dois grupos: a) a herança de Zwinglio centralizada na Palavra; b) a herança de Lutero, focalizada na tentativa de equilibrar Palavra e Sacramento, e se diferenciar do culto praticado nos cantões da Suíça e da França, considerados esteticamente pobres e teologicamente simplistas, que influenciavam grupos anabatistas contra os quais Lutero se levantaria.

Quando Calvino, atuando já na segunda geração de reformadores, desenvolve seu trabalho em Genebra, encontrou naquela cidade uma liturgia zwingliana adaptada por Farel. Embora defendesse a celebração eucarística dominical, Calvino nunca conseguiu implantar essa prática em Genebra. Tentativa mais eficaz surgiu mais tarde na região do Palatinato, empreendida por Orsinus e bem retratada no Catecismo de Heildeberg, que se tornou base para muitas igrejas reformadas europeias da atualidade. Por sua vez, os grupos anabatistas e entusiastas em geral, pela própria natureza de sua compreensão de fé, nunca tiveram preocupações litúrgicas formais, evitando criar ou escrever ordens litúrgicas, de modo que sua influência no desenvolvimento da liturgia no Ocidente deve ser vista muito mais por um ângulo negativo: anabatistas, e “entusiastas”, são, por princípio, antilitúrgicos e desenvolveram uma tradição espiritualista própria que mais tarde viria marcar os movimentos puritanos, pietistas, de santidade e, por fim o pentecostalismo. A partir dessa compreensão o objetivo deste texto é destacar algumas ênfases dessas tradições, sobretudo aquelas que encontraram ressonância nas atuais igrejas protestantes brasileiras.

Lutero: a busca do equilíbrio entre Palavra e Sacramento, a crítica aos entusiastas e a questão das adiáphoras

Lutero não foi, de modo algum, um reformador “radical”. Em certo sentido, ele ainda era profundamente apegado a tradições medievais, motivado por uma sincera preocupação pela salvação e atormentado por um forte sentimento de culpa e distanciamento de Deus. Nutria profundo apreço pelo estudo das Escrituras, mas intenso desprezo para com a filosofia aristotélica que embasou boa parte da Escolástica. Porém, sua ênfase na Palavra nunca o fez desmerecer os Sacramentos, pois os reconhecia como veículos e mediações da salvação. O problema central era a relação entre o fiel e essas mediações. Para Lutero esse relacionamento estava contaminado e distorcido por um excesso de superstições e uma compreensão mecanicista e mágica da eficácia dos sacramentos.

Inicialmente Lutero não se preocupou diretamente com questões litúrgicas, mas propriamente com a questão teológica das indulgências, do papado e da justificação pela fé. Por isso nos anos imediatamente seguintes a 1517, não propôs alterações para a missa. Continuou a ensinar durante sem empreender qualquer reforma litúrgica. Somente em 1520 começa a defender a comunhão nas duas espécies e a fazer objeções à leitura silenciosa de algumas partes do cânon. No mesmo ano, em *O cativoiro babilônico da Igreja*, atacou vigorosamente a recusa do cálice aos leigos, a transubstanciação e a concepção da missa como sacrifício e obra meritória. Nessa época ele já denunciava a doutrina da transubstanciação como uma “monstruosa ilusão”.

O texto mais importante dessa época, certamente é o escrito de 1520, *À nobreza cristã da nação alemã*, que causou enorme impacto em virtude das propostas concretas para reformar a igreja e a nação e que insuflou o nacionalismo alemão. O texto traz violentas denúncias contra a cúria romana², o crescente poder papal, as bajulações ao Papa³ e às

² “para que serve à cristandade essa gente que leva o nome de cardeais? Ainda que não houvesse um cardeal sequer, a igreja não iria sucumbir, uma vez que nada fazem em prol da cristandade. Lidam somente com dinheiro e as disputas pelas dioceses e prelazias, o que qualquer ladrão poderia fazer” (LUTERO. *Pelo Evangelho de Cristo*. Porto Alegre, Sinodal/Concórdia, 1984, p. 90-91)

³ “igualmente não deve mais suceder o beija-pés do papa. Trata-se de um exemplo anticristão, próprio do anticristo, quando um pobre pecador espera que lhe beije os pés aquele que é cem vezes melhor que ele” (idem, p. 107).

peregrinações a Roma. Nessa obra já emerge claramente a argumentação em prol do fim do celibato clerical⁴ e a doutrina do “sacerdócio universal de todos os fieis”, tomando como exemplo as ordenações de Agostinho, Ambrósio e Cipriano e rejeitando a teologia do caráter indelével ao ministério como invenção humana:

A ordenação pelo bispo não é outra coisa senão que ele toma um dentre a multidão em lugar e em representação de toda a comunidade – onde todos têm o mesmo poder – e lhe ordena exercer esse poder por todos os outros... se um punhado de cristãos leigos piedosos fosse preso e confinado num sertão, e não tivesse entre eles um sacerdote ordenado por bispo, e se, estando de comum acordo, escolhesse um dentre eles, fosse casado ou não, e lhe confiassem o ofício de batizar, officiar a missa, absolver e pregar, este verdadeiramente seria um sacerdote, como ordenado por todos os bispos e papas... (...) aqueles que agora são chamados de clérigos ou sacerdotes, bispos ou papas, não são mais dignos ou distintos do que outros cristãos, se não pelo fato de deverem cuidar da palavra de Deus e dos sacramentos – esta é sua ocupação e seu ofício (LUTERO, 1984, p.80).

Nesse texto, Lutero já enuncia questões especificamente litúrgicas que marcarão o desenvolvimento do protestantismo, tais como a simplificação do calendário litúrgico⁵ e a liberdade do fiel em relação às recomendações quaresmais⁶. O contexto indefinido da época faz com que o reformador até mesmo recomendasse ousadamente aos cristãos que, se as deturpações religiosas não fossem corrigidas, o fiel poderia se afastar da comunidade e viver a fé em casa, contentando-se com seu próprio batismo⁷.

⁴ “... que se deixe ao livre critério de cada um casar-se ou não casar-se” (referindo-se aos sacerdotes e reconhecendo que muitos tinham esposa, filhos ou viviam em concubinato, e aconselha): “quem se deixa consagrar pároco ou para alguma outra função, de forma alguma deve prestar ao bispo voto de castidade” (idem, p. 114).

⁵ “necessário seria eliminar ou ao menos reduzir os jubileus, as comemorações e as missas de réquiem (...) eliminem-se todas as festas e mantenha-se somente o domingo. Caso, porém, se queira manter as festas de Nossa Senhora e dos grandes santos, transfiram-se todas para o domingo, ou que somente sejam celebradas de manhã na missa, deixando que o dia inteiro permaneça dia de trabalho” (id, p. 116 e 118).

⁶ “igualmente os jejuns deveriam ser deixadas ao alvitre de cada um” (id, p.119).

⁷ “caso não se abolir essa palhaçada, todo cristão autentico abra seus olhos e não se deixe enganar com as bulas, os selos e a hipocrisia romana, fique em casa em sua igreja e tenha como o melhor o seu próprio batismo, evangelho, sua fé, Cristo e Deus, que é igual em todos os lugares, deixando o papa ser um cego guia de cegos” (id, p. 120).

Embora a partir de 1520 tenha iniciado críticas mais veementes à concepção sacrificial da teologia eucaristia da época, que levava os fiéis a se comportarem como meros expectadores de um ato mágico realizado pelo sacerdote, Lutero continuou adotando o missal romano completo até 1523 quando inicia sua própria tradução e revisão da missa católica. Nessa, há um deslocamento do núcleo da missa (antes concentrado na consagração eucarística) em prol da busca de equilíbrio entre a Palavra anunciada no Evangelho e o ato eucarístico que tornaria visível e sensorial essa mensagem. Para Lutero, uma congregação cristã nunca deveria reunir-se para um culto sem a leitura e exposição da Palavra de Deus e sem a oração, sob o risco de tornar a participação nos sacramentos um ato puramente mágico e mecânico, incapaz de assegurar a paz de espírito e a certeza da restauração de uma relação rompida com Deus. Inicialmente sua grande preocupação era atacar a concepção da eucaristia como ato mágico em prol da salvação da alma, passível de pagamento a um sacerdote e de negociações financeiras.

Apesar das fortes palavras de 1520, o próprio Lutero não aboliu o calendário cristão, o lecionário e a elevação do pão consagrado. Afinal, o reformador mantinha muito da concepção realista escolástica, que preservava o caráter transfigurado da natureza (através dos elementos sacramentais – pão, vinho e água) mediante a ação do Espírito. O esforço de Lutero era direcionado pela tentativa de preservar o que considerava essencial e a relativizar o que considerava “*adiaphora*” (um costume que não é necessariamente ruim, mas que não é essencial, ou seja, cuja ausência não prejudicaria a essência do ato litúrgico). Preocupado com o excesso de *adiaphoras*, propôs simplificar os paramentos litúrgicos e as vestes do clero⁸ e abolir progressivamente o uso de imagens no templo. Se o centro do culto e da vida cristã é o equilíbrio entre Palavra e Sacramento, entre Lei e Evangelho, tudo o mais seria secundário. Isso fica claro em um texto de 1528, no qual considera

⁸ “Temos passado por alto com relação aos paramentos. No entanto, nosso pensamento é semelhante ao que já dissemos dos demais rituais. Permitimos que sejam usados, contanto que o excesso de pompa e esplendor sejam evitados. Não são as vestes que lhe farão mais aceitável ou menos aceitável quando você celebrar. Não são as vestimentas que nos levam a Deus” (id, p. 280).

indiferentes os detalhes secundários, mas declara não simpatizar com os iconoclastas radicais⁹.

Lutero é bastante coerente em relação ao que considera essencial na missa e aquilo que, para ele é secundário. Essa postura é reafirmada no “Manual do Batismo”, de 1526 e no “Manual do Casamento”, de 1529. O rito de batismo é basicamente o mesmo rito romano: contém fórmulas de exorcismo, renúncia ao diabo e a todas as suas obras, votos de compromisso e seriedade, Credo Apostólico, mergulho da criança na pia batismal e declaração. O que o caracteriza como “protestante” é a ênfase na palavra e o desprezo pelos adereços:

No batismo, o menos importante são esses aspectos exteriores: soprar os olhos, fazer o sinal da cruz, dar sal na boca, pôr saliva e terra nas orelhas e no nariz, ungir peito e ombros com óleo e passar crisma no alto da cabeça, usar camisa batismal e dar velas acesas nas mãos e outras coisas mais que pessoas humanas acrescentaram ao batismo para enfeitá-lo; pois o batismo também pode ser feito sem tudo isso, e não são estes os gestos adequados que o diabo teme e foge. Ele despreza mesmo coisas maiores. Aqui deve haver seriedade (...) – verdadeira fé e Palavra de Deus, oração lida de forma clara e devagar para que os padrinhos as ouçam, entendam e concordem. (LUTERO. 1984, p. 244)

O “Manual do Casamento”, por sua vez, reafirma não ser esse um ato sacramental outorgado à Igreja. A Igreja apenas “reconhece” a legitimidade de uma união que já tem caráter sacramental em si mesma, em virtude da ordem da criação¹⁰. Essencial no casamento, para Lutero, são as proclamas indicando o nome dos noivos e que os mesmos desejam “uma intercessão comunitária por eles”, e a clássica exortação aos que, porventura, tiverem provas de ser ilícita aquela união. Seguem-se os votos de intenção dos noivos, a leitura de Gênesis, recomendações à vida familiar baseadas em Efésios 5, as promessas da posteridade da família e uma oração. Esses dois textos

⁹ “Imagens, sinos, vestes litúrgicas, ornamentação da igreja, velas no altar e similares, isso considero coisas indiferentes. Quem quiser, pode omiti-los. Imagens e quadros tirados das Escrituras, considero muito úteis, embora livres e opcionais. Não simpatizo com os iconoclastas” (id, p. 296).

¹⁰ Esse argumento é reafirmado em 1530: “Também não se deve transformar em sacramento o matrimônio e o ministério sacerdotal. Essas ordens já são suficientemente santas em si mesmas”.

foram anexados ao Catecismo Menor de 1529, e considerados parte integrante do mesmo. Com poucas alterações continuam em uso nas igrejas luteranas de todo o mundo.

Mas a teologia de Lutero, tal como uma fâisca em galhos secos, desencadeara um movimento incontrollável. Em 1520, párocos alemães arrancaram imagens das igrejas e passaram a celebrar a missa em alemão improvisadamente, sem tradução, vestidos em trajes civis, oferecendo a comunhão nas duas espécies¹¹. Um desses foi Carlstadt que, em 1521, celebrou uma missa em alemão cujo texto, infelizmente se perdeu. No mesmo ano, Carlstadt oficiou o casamento de um sacerdote católico com uma cozinheira e ele mesmo contraiu votos de noivado. Nessa mesma época apareceram os “profetas de Zwickau”, afirmando receber revelações especiais diretas de Deus e condenando o estudo da Teologia. O apoio de Carlstadt a esse grupo levou Lutero a romper com seu antigo colaborador. Carlstadt seguiu para Orlamunde, onde destruiu imagens, passou a cantar hinos em alemão e aboliu o batismo infantil. Em 1524 mudou-se para Strasbourg onde causou novos tumultos. De lá foi para a Basileia onde morreu no natal de 1541.

Nessa época, o pastor Nicolaus Hausman, de Zwickau, preocupado com o movimento entusiástico e com as inovações de Carlstadt, escreveu repetidas vezes a Lutero solicitando-lhe instruções sobre o culto. Além disso, em várias cidades estavam surgindo traduções da missa para o alemão, como a de Thomas Münzer em 1524. Lutero respondeu com sua “Fórmula da Missa e Comunhão”, no qual diz “não está e nunca esteve em nossa mente abolir de todo o culto formal a Deus, mas purificá-lo dos vícios e das mais abomináveis adições que tem sofrido, e torná-lo mais piedoso”. Nesse contexto também escreve, em 1524, a *Carta aos cristãos de Estrasburgo contra o espírito entusiástico*¹² e um texto exortativo de 1528 (“Confissão sobre a Santa Ceia de Cristo”), no qual o rebatismo é rejeitado¹³ e afirma-se a validade do sacramento independente da condição

¹¹ Ver BECK, Nestor. *Introdução - Pelo evangelho de Cristo*. Porto Alegre/São Leopoldo, Concórdia/Sinodal, 1984, p. 14.

¹² “Entusiasta” ou “entusiástico”, para Lutero, assemelha-se àquilo que hoje considera-se “carismático” ou “pentecostal”, uma forma de religiosidade que se pressupõe absolutamente imediata com Deus, isenta de quaisquer mediações litúrgicas ou institucionais.

¹³ “rejeito e condeno totalmente os ensinamentos dos anabatistas, donatistas e quem quer que esteja praticando um segundo batismo” (LUTERO, 1984, p. 293).

moral do sacerdote¹⁴, argumento que inspirou o 26º dos 39 Artigos de Religião no anglicanismo.

Modelo e padrão do culto luterano

Em 1523 Lutero publica um panfleto intitulado *A Ordem do culto divino na congregação*, com um estudo do culto cristão antigo, argumentando que não há nenhuma prática ou exercício melhor do que a Palavra (entendendo aqui a leitura, anúncio, meditação, reflexão e pregação das Escrituras). Nessa época já anuncia que, para proveito do laicato, que tinha obrigações com o trabalho e a família, a prática monástica da liturgia das horas deveria ser reduzida a um Ofício pela manhã e outro ao final do dia. Os luteranos assumiriam essa prática antes mesmo de ela aparecer nos Ofícios de Oração Matutina e Vespertina do LOC anglicano.

Em 1525 Lutero finalmente escreve a “Missa e ordem do culto alemão” (LUTERO. 1984), celebrada pela primeira vez em Wittenberg no dia 29 de outubro de 1525 e oficialmente implantada no Natal daquele ano. O texto completo foi publicado no mês seguinte (janeiro de 1526) com notações musicais para entoar a epístola e o evangelho e uma paráfrase ao Pai Nosso em forma de exortação aos comungantes como transição para a ceia. Porém, apesar dessa versão em alemão, Lutero mantinha apreço pelo latim, recomendando sua utilização nos dias das principais festas cristãs (Natal, Páscoa, Pentecostes e São Miguel, padroeiro da Alemanha),

A “Missa e ordem do culto alemão” tornou-se um padrão seguido posteriormente por muitas igrejas luteranas. Nela, a parte mais importante do culto é a pregação e o ensino das escrituras. O reformador recomenda um ofício matinal diário para toda cidade ao raiar do dia (matinas, às 5 ou 6 da manhã) com cântico de salmos e um sermão baseado na epístola do dia, o *Te Deus Laudamus* ou o *Benedictus*, um Pai-Nosso, oração e o *Benedicamus Domino*. Às 8 ou 9 deveria haver a uma missa com sermão sobre o evangelho do dia. Ao entardecer no

¹⁴ “da mesma forma também digo e confesso que no sacramento do altar se come e se bebe com a boca realmente o corpo e o sangue no pão e no vinho, mesmo se os sacerdotes que o distribuem ou aqueles que o recebem não o creiam ou dele façam uso indevido” (idem, p. 293).

ofício de vésperas, previa-se um sermão baseado no Antigo Testamento antes do *Magnificat*. Observe-se uma grande preocupação em manter a lembrança da totalidade da revelação judaico-cristã.

Em relação ao cerimonial da missa, a recomendação era que o sacerdote a celebrasse voltado para ao povo, com exceção das orações, que deveriam ser dirigidas com o ministro voltado para o altar. A ordem iniciava com um hino ou salmo em alemão. Em seguida viria o *Kyrie eleison* (3 vezes), uma coleta (voltado para o altar) e a leitura da epístola do dia. Seguia-se o Evangelho e o sermão, uma paráfrase do Pai Nosso com exortação aos comungantes¹⁵ dirigida do púlpito ou diante do altar. As palavras da instituição eucarística eram lidas diretamente a partir da narrativa paulina em I Coríntios. Recomendava-se distribuir o pão antes de se abençoar o cálice, baseando-se em Lc 22.2 e I Co 11.25. Também recomendava-se manter a elevação do pão consagrado¹⁶ (posteriormente, em 1542, esse gesto foi eliminado em Wittenberg). Entre esses momentos cantava-se o *Sanctus* ou um hino de louvor¹⁷. Após a distribuição do cálice era cantado o *Agnus Dei* em alemão. O ofício finalizava com uma oração e a bênção aarônica (“O Senhor vos abençoe e vos guarde...”). O reformador finaliza afirmando que aquela ordem poderia ser alterada a qualquer tempo, “pois as ordens devem servir para promover a fé e o amor, e não de prejuízo para a fé. No momento em que já não preencham essa função, elas estão inválidas, mortas e acabadas” (LUTERO 1984, p. 231).

A participação ativa do povo na Eucaristia era também um problema para os reformadores. Desde a última fase da Idade Média o povo afastara-se da comunhão dominical. Essa atitude estava tão incorporada à cultura da época, que Lutero escreve em 1530 sua “Exortação ao sacramento do corpo e sangue de Nosso Senhor”. O texto reafirma que a missa não é um sacrifício qualquer em favor de vivos ou de mortos, simplesmente a ser assistido, mas dádiva e presente de Deus, que deve ser aceito com gratidão. O sacrifício de gratidão está em receber com gratidão o que Deus oferece através de Cristo. Por isso a ceia era

¹⁵ A paráfrase completa em português pode ser encontrada na coletânea “Pelo Evangelho de Cristo”, p. 226-227.

¹⁶ “não queremos eliminar a elevação do cálice mas conservá-la” (idem, 223).

¹⁷ Lutero recomenda um hino composto pelo pré-reformador John Huss.

chamada pelos antigos “ação de graças” (eucaristia)¹⁸, e graça não é algo que possa ser pago ou encomendado. Em suas palavras: “como a maior das abominações considero a missa apregoada e vendida como sacrifício ou boa obra” (LUTERO, 1984, p. 295). Lutero continua a clamar contra os adereços desnecessários¹⁹, porém, esclarece – “não que eu repudie por completo todo e qualquer ornato exterior; mas não signifique ele um culto, menos ainda impeça ou obscureça este um culto direito” (id, p. 263).

Esse texto é importante para a posterior teologia anglo-protestante, pois rejeita a doutrina do purgatório, ao mesmo tempo em que considera a oração pelos mortos uma “adiaphora” – “Quanto aos mortos, já que a Escritura nada informa a esse respeito, sou da opinião de que não é pecado pedir em livre devoção, nesta ou em forma semelhante: ‘amado Deus, se é possível ajudar a esta alma, sê gracioso para com ela’. E se isso foi feito uma vez ou duas, então basta. Pois as vigílias, as missas em favor das almas e as celebrações anuais de nada servem e não passam de uma feira do diabo. Tampouco encontramos algo na Escritura a respeito do purgatório” (LUTERO, 1984, p.. 294-295). Na época Lutero é um tanto vago em relação a considerar a invocação dos santos como *adiaphora*, porém é suficientemente claro ao dizer: “Outros antes de mim já atacaram a invocação dos santos, e isso me agradou. Creio também que somente Cristo deve ser invocado como nosso mediador” (LUTERO 1984, p. 295).

A influência de Lutero no Livro de Oração Comum da Igreja Anglicana

A primeira influência litúrgica direta na Reforma inglesa foi Lutero. Posteriormente, o anglicanismo seria influenciado também por ênfases teológicas dos reformadores franco-suíços e de certas concepções das Igrejas Ortodoxas, mas não a ponto de anular a importância de Lutero.

¹⁸ “Que não se o considere sacrifício simbólico ou sacrifício de obra, mas sacrifício de ação de graças” (LUTERO, 1984, p. 272).

¹⁹ “não é necessário dinheiro ou metal precioso, mas um coração crente e lábios agradecidos (...) quem não quiser dar isso a Deus, vá enfeitar imagens de pau e pedra, pintar quadros e paredes, embelezar altares e igrejas, vestir de ouro e seda os padres fazedores de sacrifício” (id, p. 287).

Tempos mais tarde, o Movimento de Oxford conseguiria recuperar para o anglicanismo certos elementos da tradição católica romana.

Os motivos que explicam essa influência luterana estão ligados não somente a questões teológicas, mas também diplomáticas. Muito antes de 1534 quando o Ato de Uniformidade separou a Igreja da Inglaterra da Igreja de Roma, os escritos de Lutero já circulavam nas ilhas britânicas. Thomas Cranmer, o principal reformador do anglicanismo mantinha relações muito íntimas com os luteranos. Em 1532, o rei Henrique VIII percebendo a necessidade de uma aliança política com os príncipes do norte da Europa, enviou Cranmer à Alemanha em missão diplomática. Ele passou o ano de 1532 em Regensburg e Nuremberg em contato com influentes reformadores alemães. Morou na casa de Andreas Osiander no verão de 1532, onde este, juntamente com Brenz trabalhavam juntos preparando o livro de Ordem da Igreja de Brandenburg-Nuremberg, o qual foi aprovado pela congregação de Wittenberg. Cranmer acompanhou os estudos, debates e reuniões. No ano seguinte, retornou à Inglaterra casado com a sobrinha de Osiander e foi consagrado bispo de Cantuária.

Nicholas Seravlook Tjernagel, em importante estudo sobre as relações entre anglicanos e luteranos naquele período, afirma que todos os reformadores ingleses no reinado de Henrique VIII tiveram contato com os luteranos – Tyndale esteve em Wittenberg em contato direto com Lutero, Burnes passou três anos no círculo de professores luteranos de Wittenberg e Rogers chegou a ser designado pastor auxiliar para imigrantes ingleses em Wittenberg (TJERNAGEL, 1955, p. 232). Esses contatos resultaram nas Conferências anglo-luteranas de 1536 e 1538, preço que Henrique VIII teve de pagar para conseguir apoio político dos príncipes luteranos. Em 1536 a teologia luterana configurada na Confissão de Wittenberg foi impressa na Inglaterra com autorização do rei Henrique VIII. Sua influência foi imediata, com ecos já nos “Dez artigos” de 1536, no “Livro dos Bispos” de 1537 e nos “Treze Artigos” de 1538. Tjernagel chega a afirmar:

Salvo no que se refere à importante doutrina da Ceia do Senhor, os 42 artigos redigidos no reinado de Eduardo VI e os 39 artigos do período elisabetano foram e permanecem luteranos. Sua maneira de ver as Escrituras, a Igreja, as relações Igreja-Estado, a justificação, as boas obras,

a eleição e outras doutrinas fundamentais, é luterana. A marca luterana está também clara no LOC (TJERNAGEL, 1955, p. 247).

No primeiro Livro de Oração Comum (LOC)²⁰, de 1549, podem ser claramente encontradas as marcas da teologia luterana na exortação aos comungantes e nas palavras de conforto baseadas em fórmulas alemãs que estavam em uso em Cassel, Colônia e Nuremberg. Maiores informações sobre a influência da teologia luterana sobre o LOC de 1549 e nos seguintes, podem ser encontradas em estudos de Gasquet (1891), Jacobs (1894), Dowden (1908), Brightman (1915), e outros. Reed assim a resume:

A influência luterana sobre o primeiro LOC foi muito importante. Matérias essenciais de conteúdo e de arranjo persistiram nas revisões e traduções subsequentes. A Lítania inglesa seguiu a revisão luterana feita por Herman de Colônia, incorporando dela, pelo menos quatorze petições ou extensas frases. A preparação da nova Ordem para as Matinas e Vésperas foi feita a partir do material das Matinas e Horas Canônicas da pré-reforma, e recebeu influência luterana através da ordem da Igreja de Bugenhagen e, de modo definitivo, das Ordens de Calenberg e Gottingen, de 1542 (...) Expressões que aparecem nas exortações, na Confissão e Absolição, a Oração por toda a Igreja de Cristo, o começo da Oração de Consagração e a segunda metade da Bênção, pertencem à Reforma de Herman, em Colônia (...). As palavras de conforto são inquestionavelmente do texto alemão da Reforma de Herman em Colônia. O recitativo da Instituição é uma harmonização das quatro narrativas do Novo Testamento exatamente como aparece no livro de Brandenburg-Nuremberg, de 1533 (...) Expressões no Ofício de Confirmação e o uso da sequência ‘em meio à vida’, no Ofício de Sepultamento, são exemplos da influência geral dos antecedentes luteranos definitivamente estabelecidos nas igrejas alemãs e escandinavas antes de 1546 (REED, 1947, p. 128-129.).

Zwínglio – matriz de uma tradição litúrgica centralizada na Palavra

Ulrich Zwínglio foi um reformador bastante independente de Lutero. Desenvolveu um movimento próprio, de caráter nacionalista e ambos só se encontraram uma vez na vida. Profundamente marcado pelo humanismo e interessado na revitalização da leitura e exposição das Escrituras, preocupava-se mais com a totalidade do que é dito,

²⁰ LOC é a sigla de “Livro de Oração Comum”, que reúne os ritos anglicanos. Em inglês, a sigla correspondente é BCP (Book of Common Prayer).

rezado e cantado no culto do que propriamente com o cerimonial litúrgico. Para ele, esse era apenas um adereço. Fundamental era o que era dito e rezado. Lutero, embora concordasse com esse princípio frisava que a manutenção de *adiaphoras* (cores, velas, gestos) deveria ficar à discrição da liderança comunitária, evitando-se os exageros e o desvio da atenção que deveria ser prestada à Palavra.

Naqueles tempos, as questões litúrgicas eram de interesse vital para o povo e para os magistrados. Eram tempos em que pequenas cidades se tornavam cada vez mais independentes em relação à influência de Roma. Embora Zurique, Genebra, Basileia e outras localidades dos cantões suíços não tivessem muita influência política no cenário europeu, era exatamente isso que favorecia certo sentimento de autonomia. Como padre responsável pela Catedral de Zurique, Zwínglio logo percebeu que a liturgia dominical e diária deveria ser uma expressão da fé vivida em um tempo de turbulências, nos quais a única esperança era a Palavra original e originante do cristianismo – o retorno ao evangelho.

Zwínglio era um homem contraditório. Algumas vezes excessivamente literalista (quase “fundamentalista”, diríamos hoje); por outro lado, estava profundamente influenciado pelo renascimento. Alguns de seus escritos denotavam influências místicas insuportáveis a Lutero, que chegou a considerá-lo um “Schwarmerei” (entusiasta). Quando se tornou responsável pela Catedral de Zurique encontrou ali uma prática oriunda de pregadores mendicantes - o *pronau* - uma reunião simples em língua vernácula com orações e cânticos seguida por um sermão. O *pronau* era realizado antes da missa dominical como uma espécie de preparação para a mesma. O nome é derivado da arquitetura: “pro” (antes) da “nau” (nave do templo). Em alguns lugares era até mesmo inserido na missa após a leitura do evangelho em latim. Zwínglio estava familiarizado com uma ordem de *pronau* publicada em 1506 por Ulrich Sargent, padre da Igreja de São Teodoro na Basileia. A ordem era basicamente a seguinte:

- Convocação aos ouvintes e anúncio do texto do dia
- Leitura e pregação
- Orações (Pai Nosso e Ave Maria)
- Intenção das orações, incluindo os falecidos da semana

- Orações – repete-se o Pai Nosso e Ave Maria
- Credo Apostólico
- Decálogo, Confissão Geral e Absolvição
- Conclusão do dirigente: “Rezemos uns pelos outros e pela nossa salvação no ofício da Santa Missa”

Percebe-se que o Pronau era basicamente um ofício da Palavra com orações, dirigido por pregadores mendicantes. A partir de 1519 Zwinglio assumiu a direção do mesmo, com uma alteração significativa – ao invés de seguir o evangelho do dia prescrito no Lecionário da época, escolhia um livro bíblico (iniciou com o evangelho de Mateus) e pregava consecutivamente, capítulo por capítulo a cada dia, em sistema de *lectio continua*.

Na época Zwinglio já estava em crise com as ênfases sacrificiais e propiciatórias da missa em latim. Desejando incluir o pronau definitivamente na principal celebração dominical, propôs um modelo para o culto oficial de Zurique em 1523, chamado *Epicheiresis*. A primeira parte segue basicamente a estrutura tradicional da missa. A diferença é que Zwinglio insere definitivamente o *Pronau* após a leitura do Evangelho. Outras diferenças começam após o Prefácio eucarístico e o *Sanctus*. Na missa romana o *Sanctus* era seguido pelo cânon, uma série de orações em que a missa era apresentada como um sacrifício oferecido pelo padre. Lutero descarta todo o cânon, exceto as palavras bíblicas da instituição da ceia e a oração do senhor. Zwinglio foi menos negativo. Ao invés de omitir o cânon, escreveu outro, para substituir o antigo, preservando a forma original, mas excluindo o conteúdo sacrificial. As orações que na missa em latim eram oferecidas como sacrifício passavam a ser agora dirigidas como “petição”.

A teologia eucarística de Zwinglio era determinada em parte por sua filosofia humanista e certas ênfases que mais tarde alimentariam o movimento pietista. O reformador rejeitava os sacramentos como meios da graça salvífica. Se Deus é Espírito, argumenta Zwinglio, Ele revela-se apenas por meios espirituais e nunca por meios físicos ou materiais. Ou seja, a graça e a salvação são mediadas unicamente pela Palavra. É através dela que o Espírito divino se comunica ao nosso espírito; a carne nada produz – “Deus e a criação são mutuamente exclusivos,

pois Deus é Espírito e não pode entrar ou agir em nenhum fenômeno terrestre” (PALMER, 1955, p. 79). Ou seja, religião tem a ver apenas com a mente e o espírito. Não por acaso, é comum nos livros sobre a história da Igreja nesse período lembrar o famoso episódio da salsicha ou linguiça – uma confraternização entre amigos ocorrida na semana santa de Zurique e da qual Zwinglio participou. Isso teria acontecido antes de 1517 e o reformador já demonstra ousada convicção ao defender-se dizendo não haver qualquer prescrição bíblica ou racional que justificasse a proibição de consumo de carne na semana santa.

Zwinglio reconhecia que o Novo Testamento ordenava claramente a celebração da ceia, porém como obediência e lembrança do sacrifício na cruz, ou seja, outra forma de pregação. Além disso, afirmava não haver nas Escrituras qualquer prescrição clara em relação à frequência para a observação dessa ordenança. Essa ideia aparece mais claramente no segundo escrito litúrgico de Zwinglio – *Action oder Bruch des Nachtmals* (1525) - que ainda contem muitos ecos da Missa romana: o *Gloria in Excelsis* ainda é utilizado, porém agora como gradual entre a leitura da epístola e a do evangelho. Para a Ceia a epístola é I Coríntios 11 e o evangelho é João 6, e curiosamente o cerimonial recomendava que o leitor beijasse o livro após a leitura do evangelho. Nesse caso, quando houvesse ceia, não haveria sermão, pois a ceia já seria o próprio sermão.

O altar foi substituído por uma mesa sem cálices ou vasos de prata e ouro, que foram trocados por copos e pratos de madeira. O ministro também não deveria vestir paramentos que o distinguissem do povo. A oração era sempre de joelhos e não havia música. Os órgãos foram removidos do Templo ou ignorados. A única peça de decoração que permaneceu foi o púlpito. O *Gloria*, o Credo e o Salmo após a comunhão não eram cantados, mas recitados. O temor de Zwinglio era de que a música distraísse os fieis da atenção devida à Palavra e à Ceia. A música só foi readmitida na igreja de Zurich 73 anos depois, em 1598.

Por não encontrar prescrições claras em relação à frequência da celebração da ceia, Zwinglio e o Conselho de Genebra decidiram que a mesma seria celebrada a cada quatro meses – nas festas do Natal, Páscoa, Pentecostes e no dia 11 de setembro, festa dos santos Felix e Regula, padroeiros de Zurique. Em todos os outros domingos, o culto era um simples ofício de pregação baseado nos pronaus. Nasce aqui um

divórcio bastante radical entre Palavra e Sacramento. O culto dominical se torna um ofício com uma série de meditações piedosas sem muita relação ou conexão temporal e sem qualquer real estrutura litúrgica. A ordem definitiva para o Pronau dominical agora era:

- Votum (“O nosso auxílio está em nome do Senhor...”)
- Saudação à comunidade, intenções do ofício e Oração inicial
- Pai nosso concluindo com “Livrai-nos do mal” (sem a doxologia final)
- Ave Maria²¹
- Leitura bíblica e Sermão
- Lembrança dos que morreram durante a semana
- Repetição do Pai nosso, Ave Maria e Credo
- Leitura do Decálogo
- Confissão geral e declaração de perdão que funcionava como “bênção” de encerramento do culto.

Hageman assim resume a obra litúrgica de Zwínglio:

Ele encontrou em Zurique um pronau vernacular ou um ofício de pregação seguido pela missa em latim. Acreditando na pregação como meio de graça, preservou o pronau como forma regular do culto dominical. Reformulando a missa como uma refeição de lembrança e testemunho, removeu-a de seu caráter dominical para um uso a cada quatro meses (HAGEMAN, 1962, p. 22).

Calvino e a liturgia reformada na 2ª geração de reformadores

Na mesma época de Zwínglio, Diebold Schwarz, pároco em Strasbourg desenvolveu uma liturgia própria para a cidade, celebrando a primeira missa em alemão na Catedral de São João em 16 de fevereiro de 1524, um ano após a publicação da missa de Zwínglio e um ano antes da missa vernacular luterana. Essa liturgia sofreu ao menos quinze revisões nos anos seguintes. A última e definitiva ficou a cargo de Martin Bucer e era a versão que estava em uso em Strasbourg quando Calvino ali chegou em 1538 para pastorear uma congregação de refugiados franceses. Farel, o padre responsável pela Catedral, adotara a versão zwingliana de

²¹ Zwínglio defendia a imaculada concepção de Maria, e o uso dessa oração permaneceu na Igreja Reformada de Zurich até 1563.

Pronau, simplificando-a ainda mais. Publicada em 1533 com autorização do Conselho da cidade, a liturgia de Farel era extremamente simples e consistia da seguinte ordem:

- a) Oração de intenções;
- b) Pai Nosso;
- c) Leitura do dia e sermão;
- d) Decálogo e Confissão Geral;
- e) Pai Nosso e Credo;
- f) Bênção.

Observemos que em Genebra a Ave Maria e o Credo já são eliminados. Além disso, toda a ordem litúrgica também se desenvolvia sem música ou participação congregacional.

A litúrgica eucarística de Genebra também era uma versão simplificada do segundo livro de Zwinglio, acrescida de uma longa forma didática que se concluía com a paráfrase do *sursum corda* em duas versões, uma com os verbos no plural e outra com os verbos no singular, denotando forte individualismo: “levante seu coração ao alto. Busque as coisas celestiais e o céu onde Jesus Cristo está sentado à mão direita do Pai, sem se fixar nas coisas visíveis que são passageiras e corroidas pelo uso. Com coração alegre e em amor fraternal, venha e participe da mesa do Senhor” (PALMER, 1955, p. 83). Farel também concordava que não há prescrição bíblica para a celebração dominical da ceia. Por isso defende que a comunidade deveria ser livre para determinar o tempo e a frequência de sua celebração eucarística. Essa determinação caberia ao Conselho de anciãos da cidade.

Foi essa liturgia zwingliana adaptada por Farel que Calvino encontrou e utilizou durante seu tempo em Genebra. Porém, já no ano seguinte (1537), Calvino solicitou permissão ao Conselho para que a ceia fosse celebrada dominicalmente. Isso indica uma crítica muito direta a Zwinglio e ao próprio Farel. Para Calvino a intermitência da celebração eucarística separava a Palavra e o Sacramento, desfazendo o equilíbrio entre ambas. Porém, o Conselho não autorizou a mudança. No ano seguinte (1538), Calvino retorna a Strasbourg, onde a ceia era celebrada dominicalmente, mas apenas na Catedral. As demais paróquias

celebram um pronau com ceia mensal. Novamente ele se esforçou para que as demais paróquias celebrassem dominicalmente a ceia, mas sem êxito. Ainda assim, providenciou para que nos domingos em que não fosse celebrada a eucaristia, não se perdesse a união entre palavra e sacramento, sempre fazendo menção ao mesmo.

Quando retornou a Genebra, Calvino providenciou uma liturgia própria para sua pequena congregação de refugiados franceses. Em lugar do *Kyrie* e do *Gloria*, utilizou o Decálogo, intercalando cada sentença com o *Kyrie Eleison* em grego. Essa alteração influenciará mais tarde a Inglaterra, permanecendo até hoje nos Livros de Oração Comum anglicanos.

A liturgia de Genebra começava com uma invocação (*votum*), a confissão geral e absolvição seguida pela declaração da segurança do perdão baseada na promessa divina. Trata-se, aqui, de uma absolvição real, pronunciada pelo ministro, e não de uma simples oração por perdão ou uma declaração de perdão. Durante o cântico do Decálogo, com o *Kyrie* como refrão, Calvino se dirigia ao púlpito para pronunciar o sermão. Seguia-se uma oração por iluminação e a pregação expositiva em *lectio continua*. Depois Calvino retornava à mesa e oferecia uma oração de intercessão pelos magistrados, a igreja e os aflitos, seguida pelo Credo. Essa oração é hoje conhecida nas igrejas presbiterianas como “A grande oração de ação de graças” ou “Grande Oração Eucarística” e mesmo se não houvesse ceia, deveria ser pronunciada, omitindo-se apenas as referências ao pão e vinho. O ofício terminava com a bênção aarônica. Eis o esquema:

- Votum (“O nosso auxilio está no nome do Senhor...”)
- Confissão geral e absolvição
- Decálogo, intercalado pelo *Kyrie Eleison*
- Oração por iluminação antes da leitura e exposição das Escrituras
- Leitura bíblica e sermão
- Grande Oração de Intercessão
- Credo e Bênção aarônica

Nos domingos em que havia eucaristia (uma vez por mês), o ministro preparava os elementos durante o Credo e oferecia uma bre-

ve oração seguida pela narrativa da instituição. Seguia-se uma longa exortação ao exame de consciência e a Grande Oração Eucarística. A exortação antes da ceia é importante para compreender o valor que Calvino dava à eucaristia – se para Zwinglio comer e beber significa lembrar que ele morreu por nós, para Calvino isso significa uma união espiritual e interna com Cristo através do poder do Espírito Santo. É o que o reformador chamava “presença real”, não localizada propriamente nos elementos, mas mediada por esses e realizada na alma do fiel. As pessoas recebiam o sacramento de joelhos ao redor da mesa. O ofício terminava com uma breve oração de gratidão, o *Nunc Dimittis* e a benção. As orações *ex tempore* só eram permitidas ao pastor antes da leitura e sermão. Mesmo assim, Calvino sempre providenciava sempre um modelo escrito para seu uso próprio.

Em 1542, novamente em Genebra, Calvino propôs uma nova liturgia substituindo a absolvição após a confissão por versículos bíblicos que asseguram a promessa do perdão divino aos penitentes e restaurando a música através do cântico de Salmos, alguns traduzidos pelo próprio Calvino e musicalizados por competentes artistas da época como Marot, Bourgeois e Goudimel. O Saltério musicalizado certamente é a mais importante contribuição litúrgica da tradição calvinista. Aos poucos, o rito de Genebra começou a ser seguido por outras congregações francesas e por reformados escoceses, vigorando até que o Diretório de Westminster instituisse uma nova ordem de culto.

Bastante sóbria nas palavras e na condução, a liturgia calvinista distanciou-se da luterana por eliminar símbolos visuais e vestes litúrgicas. O ministro dirigia o culto vestido com uma toga universitária. Por outro lado, também distanciou-se dos grupos entusiastas, não deixando qualquer espaço para subjetivismos exagerados associados aos grupos anabatistas da época. Apesar disso, permaneceu na liturgia calvinista uma forte ênfase zwingliana, a ponto de Hageman afirmar que Zurique foi a grande influência teológica e litúrgica de Strasbourg, Genebra, Basileia, da Escócia e dos grupos puritanos em geral, com nítidos sinais no LOC eduardiano de 1552. Segundo esse autor, “qualquer que seja a razão, mesmo aquelas igrejas que seguiram Calvino na teologia, tornaram-se zwinglianas na sua vida litúrgica e sacramental” (HAGEMANN, 1962, p. 34).

A Liturgia transformada em “ordem de culto” - O Diretório de Westminster

Durante a guerra civil na Inglaterra os protestantes influenciados pelo modelo genebrino tomaram o poder, exilaram o rei e convocaram a Assembleia de Westminster em 1643. Essa reunião contou com cerca de 120 teólogos ingleses e escoceses de diferentes tendências protestantes. Pretendia-se organizar uma nova forma de governo para a Igreja, produzir uma Confissão de Fé conciliatória, dois catecismos e um manual litúrgico. O Parlamento, na época, estava amplamente ocupado por setores puritanos, mas os próprios protestantes não se entendiam nas interpretações bíblicas a respeito da forma de governo da Igreja. Muitos defendiam o sistema escocês (mais tarde conhecido como presbiterianismo); outros (dentre eles o próprio líder da revolução, general Oliver Cromwell) defendiam o modelo congregacional (autonomia total a cada congregação local). O Livro de Oração Comum anglicano foi oficialmente proibido em 1645. No mesmo ano as dioceses foram dissolvidas por decreto, o episcopado foi declarado extinto e os bispos foram depostos, exilados ou mortos. O Arcebispo Laud ficou preso de 1640 a 1644, sendo decapitado em 1645 com 71 anos de idade. O rei Carlos I foi capturado e executado em 1649 e a Inglaterra passou a ser governada por Oliver Cromwell, o “Lord Protector”. A ditadura puritana durou 11 anos. Foi um tempo muito difícil para todos – escassez de alimento, endividamento externo e a promulgação de leis radicais (copiadas do modelo calvinista) contra divertimentos tais como as danças, teatro, jogos de cartas, etc. Nova onda iconoclasta atingiu as Igrejas, com altares depredados e substituídos por mesas.

Interessa-nos particularmente, o Diretório de Culto, aprovado no Parlamento em 3 de janeiro de 1645 para substituir o Livro de Oração Comum. Os presbiterianos escoceses, em sua maioria, preferiam uma liturgia fixa, enquanto os congregacionais defendiam orações livres ou “espontâneas”. Ao final, a pressão congregacional foi mais forte, e o Diretório de culto foi aprovado não propriamente como um livro litúrgico, mas como um “Manual de instruções” sem lecionário e apenas com modelos de oração. Na prática, uma proposta litúrgica sem liturgia.

A ausência de textos propriamente litúrgicos foi uma vitória do puritanismo, convencidos de que a oração livre e espontânea seria

mais “espiritual” e eficaz que a oração litúrgica. Nesse caso, não somente a escolha das leituras dominicais, bem como os salmos, hinos e até mesmo as orações que deveriam ser “comunitárias” ficavam ao arbítrio do ministro. As festas do calendário litúrgico desaparecem e apenas o domingo foi mantido no calendário puritano. Os delegados da Assembleia eliminaram a sugestão de qualquer gesto ritual (ajoelhar-se, por exemplo, ou fazer o sinal da cruz). A participação dos fieis na liturgia ficou restrita ao cântico de hinos, pois até mesmo antífonas bíblicas eram consideradas resquícios do catolicismo, bem como o uso de alianças no casamento. O culto puritano aboliu também as doxologias, o uso dos Credos Apostólico e Niceno e a lembrança das festas cristãs. Os rituais de enterro e a comunhão dos enfermos não foram proibidos, mas não havia qualquer modelo ou orientação para essas práticas, que poderiam ser celebradas (ou não) ao bel-prazer de cada comunidade.

Dentre outros prejuízos e perdas, o Diretório de Westminster também não esclarecia nada em relação à frequência da celebração eucarística. Os escoceses a celebravam trimestralmente ou até semestralmente. Alguns ingleses a celebravam mensalmente, mas como um ofício reservado para poucos, após o culto matinal de domingo. Manteve-se no rito somente a indicação da utilização das palavras de instituição encontradas em I Coríntios e uma oração de ação de graças, o que reduzia a celebração eucarística a um “ágape” judaico. A Igreja da Escócia adotou o Diretório de Westminster em fevereiro de 1645, mas na Inglaterra, apesar dos esforços puritanos, o Diretório foi recebido com frieza e desconfiança. Em muitas paróquias do interior o Livro de Oração Comum continuou a ser utilizado secretamente, principalmente nos funerais.

Mas Oliver Cromwell continuou agindo no afã de extirpar qualquer resquício da antiga Igreja anglicana. Em 1644 proibiu os corais e mandou destruir vitrais e ícones nas igrejas. Órgãos de tubos foram depredados, pois os puritanos queriam seguir o modelo de Genebra e Zurique onde o culto a Deus era celebrado sem instrumentos musicais.

Esse período posterior à Assembleia de Westminster foi de extrema pobreza litúrgica nas igrejas reformadas, e coincidiu com a emergência do protestantismo norte-americano, fortemente individualista. Durante

muito tempo nenhuma Igreja reformada de orientação puritana teve propriamente um Livro Comunitário para o seu culto. Somente em 1724, a Igreja de Genebra autorizou uma oração própria para o Natal e Ano Novo. A 6ª feira Santa só voltou a ter reconhecimento litúrgico em Genebra no ano de 1828, trezentos anos após a Reforma! Semelhantemente, somente em 1868 a Igreja de Genebra voltou a reconhecer a Páscoa e Pentecostes como parte do seu rito promulgando orações próprias para essas festas.

O protestantismo norte-americano, matriz do protestantismo brasileiro, foi fortemente influenciado por grupos pietistas, puritanos e anabatistas diversos que rejeitavam qualquer formalização litúrgica, associando-as com romanismo, anglicanismo ou luteranismo. O movimento pietista radicalizou a perspectiva luterana do imediatismo na relação com Deus. Julgando que a maioria do clero romano, anglicano ou luterano era composto por pessoas “não-regeneradas” e defendendo que somente pessoas efetivamente “nascidas de novo poderiam orar, organizaram suas comunidades sem livros litúrgicos. Em suma, o pietismo e o puritanismo minaram uma sedimentada cultura litúrgica no ocidente: na maioria das igrejas reformadas perdeu-se a perspectiva de um tempo litúrgico que retrata a história da salvação. O Credo Apostólico e o Niceno tornaram-se desconhecidos. A mesa eucarística tornou-se mera decoração sem função litúrgica. Em algumas dessas Igrejas até mesmo a “Oração do Senhor” (Pai Nosso) passou a ser combatida por ser considerada uma “fórmula prescrita”.

As únicas exceções em todo movimento pietista foram John Wesley, que criou um livro próprio para o movimento metodista na América, baseado no LOC elisabetano e Ostervald, que em 1702 promoveu um manifesto pela renovação litúrgica nas Igrejas reformadas. Foi uma tentativa de conciliar calvinismo com o Livro de Oração Comum anglicano a partir da perspectiva de que a liturgia é mais didática que a catequese. Ostervald não teve muito sucesso, mas influenciou Charles Shields, professor no Seminário Teológico de Princeton, e que foi o curador e custódio do Livro de Oração da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos no século XIX. Shields, porém, não conseguiu alcançar todos os seus objetivos e, desgostoso, acabou tornando-se pastor episcopal.

Considerações finais

A indigência litúrgica do protestantismo brasileiro está intimamente ligada à sua matriz norte-americana que, longe de refletir as premissas de Lutero e Calvino, apegou-se ao radicalismo antilitúrgico da Assembleia de Westminster. Por isso, no protestantismo brasileiro, o interesse por questões litúrgicas nunca foi forte a ponto de cativar seminaristas, pastores e teólogos.

Consequentemente, a reflexão em Teologia Litúrgica continua ausente do protestantismo brasileiro. Em linhas gerais, prevalece o consenso de que a liturgia deveria expressar e traduzir a fé anteriormente definida nos dogmas e doutrinas da instituição à qual ela serve. A sistematização doutrinária vem antes e, nesse caso, a liturgia já aparece devidamente domesticada, submetida à racionalização prévia ou aos interesses de diferentes grupos. Ou seja, ela é sempre “serva” da teologia ou dos departamentos de “propaganda e marketing” institucional.

Bibliografia

- BECK, Nestor. *Introdução - Pelo evangelho de Cristo – Martinho Lutero*: obras selecionadas. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1984.
- BRIGHTMAN, F.E. *The English Rite*. Rivingstons: Londs, 1915, 2 vols
- DOWDEN, John, *Further Studies in the Prayer Book*, London: Methuen, 1908.
- GASQUET, Francis Aidan. *Edward VI and the BCP*. London: Hodges, 3a ed, 1891.
- HAGGEMAN, Howard. *Pulpit and Table*. Richmond: John Knox Press, 1962.
- IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. *Manual do Culto*. São Paulo: Pendão Real, 2012.
- JACOBS, Henry. *The Lutheran Movement in England*. Philadelphia: Frederick, 1894.
- LUTERO, M. *Pelo Evangelho de Cristo*: obras selecionadas de momentos decisivos da reforma (trad. Walter Schlupp). Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1984.
- PALMER, *Sacraments and Worship*, Westminster: The Newman Press, 1955.
- REED, Luther. *The Lutheran Liturgy*. Philadelphia: Muhlenberg, 1947.
- TJEERNAGEL, Nicholas S. *Henry VIII and the Lutherans - A Study in Anglo-Lutherans Relations from 1521 to 1547*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1955.
- WALKER, W. *História da Igreja Cristã*, vol. I. São Paulo: Aste, 1967.